



POEMAS SOBRE A NATUREZA

ANTOLOGIA POÉTICA - VOL. II
Ademir Pascale - Organizador



ORGANIZADOR

ADEMIR PASCALE

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos
autores
Obra protegida por direitos autorais
Este e-book é parte integrante
da Revista Conexão Literatura
ISBN: 978-65-01-78279-9
2025
Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DO TEXTO DESEJADO

PÁSSARO, POR AMANDA BARRETO MEIRELLES DO NASCIMENTO, PÁG. 05
FOGO DA IGNORÂNCIA, POR ANDRÉ BORGES, PÁG. 07
CAMINHOS QUE ME FALTAM, POR CISTERNA DE LUZES, PÁG. 09
SENTIDOS E SENTIMENTOS EM INTERAÇÃO COM A NATUREZA, POR ELIANE MEDEIROS, PÁG. 11
A LIÇÃO DAS FLORES, POR ELIANE MEDEIROS, PÁG. 16
4 ESTAÇÕES, 4 MAGIAS, POR FLAVIO JOPPERT, PÁG. 18
ÁRVORES, POR IDALMIR FIGUEIREDO CORREIA, PÁG. 21
VIDA PLENA, POR MARILU F QUEIROZ, PÁG. 24
QUÍMICA DO INÍCIO AO FIM, POR MURILLO ANDRÉ DE ARAÚJO, PÁG. 26
OS GRITOS DA NATUREZA, POR POTIARA CREMONESE, PÁG. 28
VIVA, MATA ATLÂNTICA, POR RAUL SCHAEFER FILHO, PÁG. 32
MINHA INFÂNCIA NOS CAMPOS DE GIRASSÓIS, POR ROSA DA TERRA, PÁG. 34
PESCARIA NO GUAMÁ, POR ROSA DA TERRA, PÁG. 36
MEU LAMENTO VERDE, POR ROZANGELA NOGUEIRA, PÁG. 38
INSTABILIDADE, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 41
CHUVOSO, POR SELLMA LUANNY, PÁG. 43
TEMPO DA TERRA, POR TADEU KAINGANG, PÁG. 45
CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO, PÁG. 52



POEMAS SOBRE A NATUREZA

ANTOLOGIA POÉTICA - VOL. II
Ademir Pascale - Organizador



POEMAS SOBRE A NATUREZA

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

PÁSSARO

POR AMANDA BARRETO MEIRELLES DO NASCIMENTO

Advogada, Mestra em Direito, Governança e Políticas Públicas pela Universidade Salvador (UNIFACS), Especialista em Direito e Magistratura pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

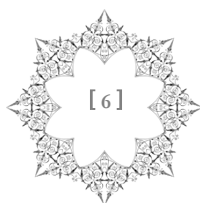


Queria na natureza agora estar
Em um pássaro me transformar
O Oceano Atlântico atravessar
Em Portugal chegar

Irei voar em cima de sua casa
Para saber se em casa ele esta
E se ele não estiver
Eu me transformo em pessoa

Nos seus braços me jogo
E te digo
O oceano como pássaro atravessei
Só para um beijo te dar

Só para com você estar
Só para você abraçar
Só para você amar.



POEMAS SOBRE A NATUREZA

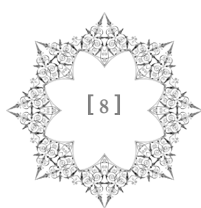
A P R E S E N T A M O S O P O E M A

FOGO DA IGNORÂNCIA POR ANDRÉ BORGES

André Luiz Borges nasceu em Cachoeira Paulista, SP. É aposentado e vive na zona rural de Silveiras, SP. Cresceu ouvindo seu pai cantarolar boleros e samba canções. Na juventude adorava os ídolos do rock. Na fase madura ouviu muito MPB e rock nacional. Mas, gostava mesmo é de viajar, viajar entre as capas dos livros. Hoje, rejeita altos decibéis e sua música preferida são as oriundas da natureza, como o farfalhar das folhas sopradas pelo vento, o sussurro dos regatos e o canto dos pássaros. Aprecia a solidão, a contemplação e a introspecção. Conversa com flores, plantas, cães, gatos e com as estrelas do firmamento. Abraça árvores. Gosta de escrever, e escreve enquanto exerce controle sobre sua lucidez.



Habilmente conduzia o veículo
Com charme segurava o cigarro
Vício breve satisfeito
Catapultou o filtro
Côncava trajetória
Abrasada rodopia
Fogo da ignorância
Gravetos, galhos
Em frangalhos
Estalos, gritos, dor
E as raízes
Incapazes de fuga
Lancinantes uivam
Negras nuvens se elevam
Rogando aos céus por socorro
Flocos negros esvoaçavam
Despencando sobre
Os para-cinzas dos veículos
Animais em fuga
Entre fuligem e carros
Desespero, atropelo, dor
E bem distante dos fatos
O infrator conduz seu veículo
E coloca mais um cigarro
Entre seus dedos amarelados



POEMAS SOBRE A NATUREZA

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

CAMINHOS QUE ME FALTAM

POR CISTERNA DE LUZES

O autor é nascido e residente em Jaguarão, Rio Grande do Sul. É titular da cadeira 26 da Academia Pelotense de Letras e titular da cadeira 145 da Academia Brasileira Rotária de Letras. Agrônomo, Economista e Advogado (OAB 13339). Já publicou 15 livros. Colaborador de crônicas em jornais, escreve filosofias poéticas, contempladas em diversos gêneros literários.



Caminhos que me faltam, que me alçam ou me desesperam. . . por mim, eles me esperam!

Caminhos aflitos, gritos enrustidos... ardidos, árdegos momentos da quietude e da inquietude... foram eles que me perderam ou fui eu que não os achei?

No meio da mata, espírito que não me desata... olhos invisíveis, do cocheiro das flores, das carruagens das dores e, até... dos espinhos, são ou seriam os meus próprios caminhos? E o pergaminho e o cachorro que late e o javali que me procura? Não sabem eles que eu, aqui, estou?

Mas, os olhos da mata dos cílios dos rios... pálpebras em quem ou em que eu me confio?

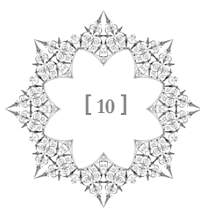
Já não escrevi e viajei, em antanhas eras, quimeras ou não, já não explorei os simbolismos do grávido rio? Aquele, aquela da nave da futuridade? Em qualquer idade? Perdido esconderijo no bojo e no tojo?

Mas, o espírito ou alma da carruagem dos meus caminhos não percorridos, ele ou ela, eles ou elas, eles me fitam enquanto me esperam, dizem eles, onde está o beija-flor e o condor? Com dor ou sem dor, ele nos chegará aqui, lá ou acolá... caminhos que me faltam, eles me asfaltam breus e pneus, eles perdido...

Mas, os caminhos que me faltam percorrer... ar, areia ou arena nas cadeias e nas cadeias... por que estes archotes, maus ou bons consortes, não me ardem com clarividência? Com opulência? Com neurociência? Com o realejo das ondas gravitacionais dos buracos negros onde eu nunca jamais me escondi?

A gravidade de atração é muito boa, hoje, minha atuação...

Se os meus caminhos que me faltam chamam-me com clarividências, que vidências ou evidências que, em assim sendo, a opulência deles em chamar-me, não são ou seriam chamadas de perdição? Energia em ebulição? Que me queimam, que me queimaram no alho e no atalho? Do tempero e no descomedido anteparo do muro que não me ultrapassa? Que eu por eles não passo? Mas, os meus caminhos que me faltam me chamam e me proclamam... eles são chuvas e plumas dos momentos temperados e, até dos destemperados, são meus ciclones e meus clones.



POEMAS SOBRE A NATUREZA

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

SENTIDOS E SENTIMENTOS EM INTERAÇÃO COM A NATUREZA

POR ELIANE MEDEIROS

Maria Eliane de Medeiros é graduada pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, em Ciências - Matemática (1992). Especialista em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio e em Ensino da Matemática. Professora efetiva da rede pública estadual do Ceará desde 1995. É apreciadora da literatura de cordel, tendo publicações de poemas, poesias e contos em algumas coletâneas.



Sentidos e sentimentos
Norteiam nossas ações.
A interação com a natureza
Desperta emoções,
Gera paz e bem-estar
E acende paixões.

Sentimentos afloram
Com intensidade.
Sentidos revelam
A liberdade.
Experiências vividas
Trazem felicidade.

O céu azul anil,
O vento a soprar,
O verde da relva,
O barulho do mar,
O colorido do arco-íris,
No chão a tocar.

O perfume da açucena,
Os espinhos da roseira,
O canto do passarinho,
O barulho da palmeira,
O sussurrar da chuva,
Caindo na biqueira.

O zumbido da abelha,
O enxame a voar,
O coaxar dos sapos,
O vagalume a brilhar,
As formigas da roça,

No formigueiro a cavar.

O sabor da maçã
E da banana madura,
O azedo do limão,
E o doce da rapadura,
A água refrescante,
Combatendo a secura.

A concha abandonada
Contendo som do mar.
A galinha da Angola
No terreiro a cantar.
O pavão colorido
Com a cauda a girar.

O barulho da feira,
O tumulto da multidão,
O clarão do relâmpago,
O estrondo do trovão,
O choro do recém-nascido,
Causando emoção.

A noite enlutarada
Com estrelas a brilhar,
As crianças na calçada
Felizes a brincar,
Fazendo algazarra,
Correndo sem parar.

Um dia após o outro,
A mudança de estação,
O frio e o calor,

A beleza da criação,
A harmonia do universo
Revelando perfeição.

O esforço do agricultor
Com o suor a derramar,
Preparando a terra,
Para a semente lançar.
Produzindo alimentos
Para nos alimentar.

A ação humana
Na luta pela vida.
A evolução da ciência,
A vitória pretendida,
O apego à matéria,
A batalha perdida.

A depredação da natureza,
O mundo em decadência,
O progresso tecnológico,
A negação da ciência,
O egoísmo humano,
Dilema da existência.

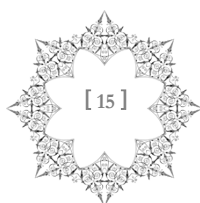
As chaminés das fábricas
E a poluição.
As queimadas das florestas
E a devastação.
A ganância pelo ter,
Causando destruição.

O cheiro da fumaça,

E a poluição do ar,
As estrelas sem brilho,
Na noite de luar,
Animais desabrigados,
Sem ter onde morar.

Armas de guerra,
Briga entre nações,
Falta de paz,
Causando aflições,
Necessidade de amor,
Dentro dos corações.

A paz e a justiça,
O amor e a ternura,
O pão na mesa,
Alimento com fartura,
Sabor de uma vida,
Sem amargura.



POEMAS SOBRE A NATUREZA

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

A LIÇÃO DAS FLORES

POR ELIANE MEDEIROS

Maria Eliane de Medeiros é graduada pela Universidade Estadual Vale do Acaraú, em Ciências - Matemática (1992). Especialista em Metodologia do Ensino Fundamental e Médio e em Ensino da Matemática. Professora efetiva da rede pública estadual do Ceará desde 1995. É apreciadora da literatura de cordel, tendo publicações de poemas, poesias e contos em algumas coletâneas.



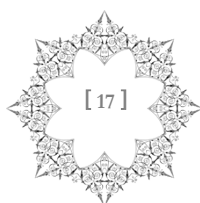
As flores embelezam
E trazem alegria,
Despertam sentimentos,
E convidam à fantasia.

Flores de várias espécies,
Branças e coloridas,
De tamanhos variados,
Alegram nossas vidas.

Singelas flores do campo,
Que surgem ao acaso,
Mostram que felicidade
É algo que não tem prazo.

A flor da roseira,
Que nasce entre espinhos,
Nos ensina a superar
Obstáculos nos caminhos.

Flores que geram frutos
Estão a alertar
Que é preciso florescer
Pra poder frutificar.



POEMAS SOBRE A NATUREZA

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

4 ESTAÇÕES, 4 MAGIAS

POR FLAVIO JOPPERT

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



“O poder das magias era que as estações do ano se alternassem, para poder entender o ciclo da vida”

Samhain

Nesta 1ª. magia no outono
A vida se vai em folhas secas que
Caem ao chão

Yule

Distantes do Sol, a Terra esfria
adormecidos pelas magias
que regeram o partir

Imbolc

Nesta 2ª. magia no inverno
pedimos para a vida voltar
os primeiros grãos germinam

Ostara

A vida venceu, o campo cintila
sob a luz do Sol
o amor é possível

Beltane

Nesta 3ª. magia na primavera
a vida precisa se amar
todos produzem frutos

Litha

Repletos de frutos
temos alimentos
dos deuses da fertilidade

Lammas

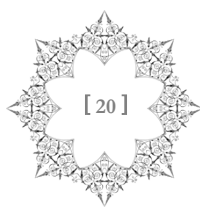
Nesta 4ª. magia no verão
agradecemos pelos frutos
que vieram e virão

Mabon

Começa o outono e com ele fecha-se o ciclo
parte dos frutos serão alimentos no inverno,
como nos ensinaram nossos ancestrais

Há uma forma de memorizar as 4 estações e as 4 magias.

Samhain é o começo, dia das Bruxas, vem o Yule – Y de inverno, depois o Imbolc, com I de inverno também. Ostara é a primavera, e com ela Beltane, Bel (vel) de verão Litha. Se o verão é Litha com L, Lammas vem em seguida com L também. O outono se chama Mabon, de on (oul) de outono. Não é impossível memorizar a roda da vida...



POEMAS SOBRE A NATUREZA

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

ÁRVORES

POR IDALMIR FIGUEIREDO CORREIA

IDALMIR FIGUEIREDO CORREIA, filho de José de Arimatéia Correia e Maria do Carmo Figueiredo Correia, natural da cidade de Joselândia - MA, é formado em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Vale do Acaraú(UVA) e pós-graduado em designer Digital. É membro da Academia de Letras e Artes da Cidade de Redenção-PA, onde reside atualmente.



Árvores são importantes; e
isso já foi provado:
que onde elas estão,
o ambiente é diferenciado.

Por isso é necessário, sua
preservação,
pois uma árvore no ambiente,
melhora a respiração.

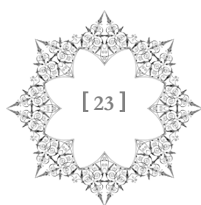
E é o dever nosso,
cuidar delas com empenho,
pois a árvore absorve gás carbônico e
libera oxigênio.

Portanto, quanto mais árvores
nesse planeta existir,
mais possibilidade há, de
um futuro,
a gente garantir.

Portanto fique atento,
e não se esqueça de lembrar,
que árvores reduzem a poluição sonora, a
velocidade dos ventos,
e controlam a umidade do ar.

Produzem saúde para o solo, e
sombra para a população;
geram ar fresco e puro,
e evitam a erosão.

Sendo assim, plantar
uma árvore
é uma boa contribuição;
um ato consciente,
que para o meio ambiente,
significa evolução.



POEMAS SOBRE A NATUREZA

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

VIDA PLENA

POR MARILU F QUEIROZ

Publicitária, Escritora e Aquarelista. Mestre em Educação, Arte e História da Cultura pela Universidade Mackenzie/SP.

Assoc. REBRA - Rede de Escritoras Brasileiras. Livro de contos, didático e dissertação sobre arte.

Textos em antologias e revistas eletrônicas- Brasil, Alemanha, EUA, França, Itália, Portugal e Suíça.



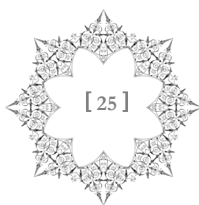
Ao romper do dia, o sol começa tão brilhante,
com o canto do sabiá muito lindo e constante.
No início das manhãs, sua voz vem nos guiar,
um convite suave e firme para a vida acordar.

O bem-te-vi canta forte, mesmo tão pequenino,
com outros pássaros, formam um som cristalino.
As alegres e faladeiras maritacas vêm se juntar,
nessa festa matinal muito agradável de escutar.

O sol nasce no horizonte com sua doce magia,
Pintando o céu com cores, trazendo só alegria.
Quando a noite chega, vem o altivo sol se pôr
e com seu encanto, acalma todo nosso interior.

As árvores e flores em sua encantadora beleza,
no chão, suas pétalas caem com tão pura leveza.
As flores e árvores acolhem com todo o carinho,
joaninhas, insetos e borboletas, em seu caminho.

A chuva suave e o sol altivo desejam comparecer.
O vento passa e insiste em nossa alma enaltecer...
A natureza harmoniosa sempre venha nos guiar
e que a doce vida possa todo tempo nos saudar.



POEMAS SOBRE A NATUREZA

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

QUÍMICA DO INÍCIO AO FIM

POR MURILLO ANDRÉ DE ARAÚJO

Morador da cidade de Americana tendo realizado carreira na iniciativa privada concomitantemente como professor de química. Desde muito jovem foi atraído pela ciência e pela literatura, sendo influenciado por escritores como Machado de Assis, Fernando Pessoa e Antoine de Saint-Exupéry.



Mastiguei elementos de transição
Digeri elétrons indestrutíveis
Absorvi água, cálcio, ferro e magnésio
Metabolizei íons positivos e negativos
Complexei átomos
Senti elementos instáveis
Inspirei oxigênio, nitrogênio e elementos nobres
Expirei **di-ó-xid-o**, carbono, prótons e calor
Catabolizei ligações covalentes
Através do retículo cristalino eliminei íons de sódio e água
Por longos períodos procurei solução para minha entropia
Sem solução definitiva, busquei, enfim, solução azeotrópica
Observei a luta entre isótopos, isótonos e isóbaros
Em terras raras busquei refúgio para alcanos, alcenos e alcinos
Banhei em água regia ouro, prata e bronze
Com elétrons livres fiz ligações sigmas
Procurei alquimia no éter e encontrei éster
Em carbamato fugi
Explorei Germânio e Gálio buscando terras novas
Observei a constante de equilíbrio em nuvens díspares
Hidrolisei memórias
Somos todos
do brilho d'uma estrela que se apagou
do brilho da existência que se formou
do fim da existência que se transformou



POEMAS SOBRE A NATUREZA

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

OS GRITOS DA NATUREZA

POR POTIARA CREMONESE

Potiara Cremonese tem 45 anos e reside em Santa Cruz do Sul. É funcionária pública Municipal. Lançou seu primeiro livro de crônicas *Opinião do Leitor-Artigos para Refletir* pela editora Autografia/RJ em junho de 2024. Desde lá, tem participado de antologias literárias em formatos digitais e impressos, com crônicas e poemas. Criou em junho de 2025 no bairro onde mora a biblioteca comunitária Martha Medeiros.

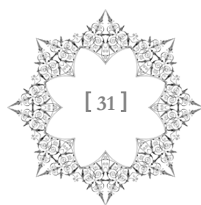
@potiara cremonese escritora - @bibio.com.martha.medeiros



A Natureza é beleza constante, é arte e artista
É canto e poesia é o vento e a maresia
É o silêncio ensurdecedor da alegria
É o riso fácil e a lágrima da emoção
É olhar e admirar sem precisar pôr as mãos
A natureza é um verso, uma cantiga, uma canção
Uma beleza rara, é escura e clara, é imensidão
É o canto dos pássaros ao amanhecer e ao entardecer
A natureza é plena, é serena é viver
É ver o sol nascer, se pôr ao entardecer, é ver a lua florescer
Como florescem as rosas, os gerânios, os cravos, e as primaveras
São tantas flores e cores que parece uma aquarela
A natureza é pintura, escultura, literatura é surreal
É um rio que deságua no mar
É um oceano que dispomos para navegar
É um cardume de belos peixes é uma água viva
É uma águia, uma arara, uma ave colorida
Uma cachoeira em uma montanha
Uma caverna rochosa
É o vento forte que o céu arranha
A natureza é exuberante, é excitante é relaxante é sem igual
Então porque a ela, fazemos tanto mal?
A natureza é tudo isso e mais um pouco e para exterminá-la falta pouco
Já foi nosso primeiro plano, passaram-se anos e deixou de ser
Por nossa fome de ter, por ganância e por poder, vemos ela esmorecer
Desmatamos, poluímos, depredamos e desprezamos por milhares de anos
Hoje sofremos as consequências da motosserra e do veneno
Do lixo que insistimos em jogar em qualquer terreno
Já não sabemos quanto tempo temos para esse quadro reverter
A natureza hoje não é mais como era antes
Sua revolta é cada vez mais constante em uma súplica de socorro
Vem devastando cidades, encostas e morros e não vai parar por aí

Enquanto não começarmos com consciência agir
Mas tem gente preocupado onde vai botar o seu arado e construção
Ao mesmo tempo a natureza grita, não construa neste chão
Já estamos por um fio, porque só falta construir dentro do rio
A natureza nos deu a vida, e a consumimos como se não houvesse fim
Se ensinar desde criança, respeitar a natureza, admirar a sua beleza e não poluir
Talvez tenhamos chance em um futuro mesmo distante podê-la reconstruir
A verdade nua e crua é que ganhamos, nos apropriamos e não cuidamos
Nem no futuro pensamos e hoje reclamamos do que fizemos por merecer
A natureza está sofrendo essa agonia
E se prestarmos atenção, ela só está reivindicando o que já foi dela um dia
Vamos ser mais cientes e tentar ao menos compreender
Não somos donos de nada, e a tempos ela vem nos alertando
As tempestades, nevascas, enchentes, secas que castigam
Furacões, tornados e terremotos
Cada vez mais intensos e preocupantes, devastadores e dolorosos
E por mais que seja difícil é preciso acreditar
Estamos cada vez mais suscetíveis a tragédias naturais
Muito foi destruído e tão dolorido é a vida que se vai
Já passou da hora de olharmos pra dentro e refletirmos um pouco mais
Pois talvez a terceira guerra mundial já esteja acontecendo
Entre o homem e a natureza, onde ela grita para nos alertar
Nós sem tempo, não damos ouvidos aos seus sinais
Estamos tão ocupados vendo a tela do celular
Esquecemos de tudo que temos para admirar
E quanto precisamos pela natureza lutar
Pela sua preservação temos muito o que mudar
O consumo desenfreado, o lixo não reciclado, o desmatamento
O desperdício de água potável a poluição dos rios e mares
As guerras que destroem o meio ambiente, ameaçam espécies
Contaminando recursos hídricos e o oxigênio
O aquecimento global, pode ser uma arma muito letal
Se de uma vez por todas não dermos atenção

Se precisávamos ver para crer, está diante dos nossos olhos
Vamos mantê-los fechados ou abri-los de uma vez?
Nesta guerra que incitamos, entre a natureza e nós humanos
Precisamos reconhecer o quantos erramos
Se ainda faz parte dos planos sobreviver neste lugar
Salvar o meio ambiente só depende da gente
Se cada um fizer pouquinho podemos salvar nosso ninho
Não estamos sosinhos, os ainda pequenos, irão crescer
E precisarão de um lugar melhor para sobreviver
Ou teremos uma próxima geração condenada a sofrer.



POEMAS SOBRE A NATUREZA

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

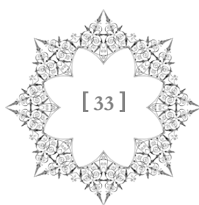
VIVA, MATA ATLÂNTICA

POR RAUL SCHAEFER FILHO

O autor exerce a advocacia em Florianópolis-SC, onde também reside, e tem participado de diversas antologias com poemas e contos, bem como com colaboração em artigos publicados em órgãos de imprensa local.



atlântica, atlântica mata
lentamente matamos a Mata Atlântica
celeiro de múltiplos biomas
preenhe de signos e significados
estuário de vida e devir
acoitemos, urgente, o prego e o martelo
as motosserras e as foices
deixemos escorregar à toca o tatu-bola
devastamos suas árvores
abrimos clarões no coração dessa floresta
raspamos o solo fértil
e arranhamos todo o pedaço
para murar o deserto com arame e aço
provocamos a revoada dos patos e das garças
e com diesel e graxa sujamos as sangas
os rios e cachoeiras e lagos
desfolhamos as plantas raras
despetalamos as flores
que já não exalam aromas
fingindo ocultarem-se da Lua
traçamos pontes e ruas
rasgamos a atlântica mata
que chora e clama por recomposição
para criar-se e reviver
ter fôlego e proteger o Planeta
não assassinemos a Mata Atlântica
nem celebremos sua morte...



POEMAS SOBRE A NATUREZA

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

MINHA INFÂNCIA NOS CAMPOS DE GIRASSÓIS

POR ROSA DA TERRA

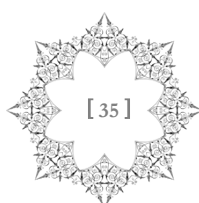
Terezinha do Socorro Reis Rosa, conhecida pelo pseudônimo Rosa da Terra, é pedagoga, artista plástica e escritora paraense. Apaixonada pela arte desde a infância, encontrou na literatura e na pintura formas de expressar memórias, sentimentos e sonhos. Sua escrita transita entre poesia, contos e crônicas, com destaque para temas amazônicos, culturais e de superação pessoal. Participa ativamente de antologias literárias e concursos, levando sua voz a novos leitores.



Nos campos de Girassóis
Eu corria livre com o vento
Nos cabelos e o sol na face.
A infância era um sonho,
Sem preocupação,
Só alegria de viver
E a liberdade de ser feliz.

Eu brincava entre os girassóis
Altos, imponentes e dourados
Sentia o cheiro doce da terra
Tempo bom de pura alegria
Onde a fantasia fluía
A admiração vinha como magia
Lembranças vividas
Cheia de esperança.

Nos campos de girassóis
Aprendi a viver em harmonia,
A apreciar a beleza da natureza
A simplicidade das cores
E que belas flores!
Existiam na minha infância
Que me faz recordar e sonhar.



POEMAS SOBRE A NATUREZA

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

PESCARIA NO GUAMÁ

POR ROSA DA TERRA

Terezinha do Socorro Reis Rosa, conhecida pelo pseudônimo Rosa da Terra, é pedagoga, artista plástica e escritora paraense. Apaixonada pela arte desde a infância, encontrou na literatura e na pintura formas de expressar memórias, sentimentos e sonhos. Sua escrita transita entre poesia, contos e crônicas, com destaque para temas amazônicos, culturais e de superação pessoal. Participa ativamente de antologias literárias e concursos, levando sua voz a novos leitores.

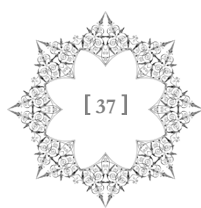


Na beira do rio Guamá,
ganhei um caniço de bambu,
e uma minhoca pequena,
presente de amiga verdadeira.

Joguei o anzol na correnteza,
esperando um tucunaré,
mas o rio devolveu
um livro cintilante.

Cada puxada, um conto.
Cada isca, um poema.
E assim percebi:
a pescaria mais farta
é aquela em que os peixes
são sonhos encadernados.

São sonhos imaginados,
do coração avoados,
para dar vida e criação
nas pescarias do coração,
que só traz peixão
da narração
e da brilhante imaginação.



POEMAS SOBRE A NATUREZA

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

MEU LAMENTO VERDE

POR ROZANGELA NOGUEIRA

Rozângela Nogueira nasceu em Cascavel Pr, atua como professora, e mãe, apaixonada por transmitir emoção e sensibilidade por meio das palavras. Desde a infância, desenvolveu olhar atento à vida, à natureza e às injustiças do mundo. Não é escritora profissional, mas pretende dedicar-se à literatura e à poesia, explorando sentimentos profundos e experiências humanas. Acredita que a poesia é instrumento de transformação, preservação da memória e do verde da vida. Ama ensinar, escrever e inspirar outras a sentir e pensar com empatia.



Caminho entre as árvores que Deus soprou na terra,
mães silenciosas que respiram o céu
e nos dão ar, frutos, sombra e vida.

Meu pranto é verde.

Cada tronco derrubado rasga meu peito,
cada sombra perdida rouba a luz do calor,
cada folha caída é um grito de vida
que o homem insiste em silenciar,
vendendo o verde em troca de lucrar.

Meu pranto é verde.

Eu choro e me alegro ao mesmo tempo,
sofro pelo que se perde,
celebro o que ainda resiste,
e prometo zelar do que ainda respira.

Meu pranto é verde.

O desmatamento e as queimadas devoram mundos,
desequilibram rios, clima, vida e gerações futuras.
Eu sou sofredora, testemunha da perda,
cada árvore tombada deixa cicatrizes em mim.

Meu pranto é verde.

Ainda assim, elas persistem:
verde que refresca, dá sombra, protege e sustenta,
tronco que mantém firme a terra,
copa que acolhe e abriga a vida.

Meu pranto é verde.

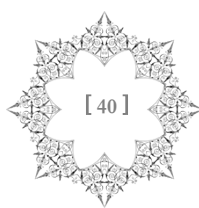
Que o homem aprenda com elas:
raiz que segura, tronco que resiste,
folhas que filtram o ar, frutos que alimentam,
e a paciência de florescer e renovar a esperança.

Ao derrubar, que venha o replantio,
para que o grito da natureza não seja em vão,
para que o planeta respire, pássaros cantem,
e gerações futuras ainda conheçam a alegria
de caminhar entre árvores que são vida.

Meu pranto é verde.

Enquanto houver sombra, fruto e seiva,
continuarei sofredora, amante e guardiã,
caminhando entre elas, sentindo
que cada árvore preservada é vitória,
cada folha, cada galho, cada fruto
é prova de que a vida ainda respira e resiste.

Meu pranto é verde.



POEMAS SOBRE A NATUREZA

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

INSTABILIDADE

POR SELMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Selma Batalha, tem lançado sua obra.

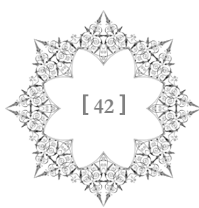


Para o de fora a minha licença
é a minha janela...
primeira averiguação matinal...
quando o céu
aos meus olhos se descortina.
E hoje mostra-se agitado...
como um vivente a fugir.
Cinzentas e pesadas nuvens
estão mais densas e apressadas
mais amplas... em convergência.

E os dias têm se repetido por aqui.
Quanta água e umidade!
Quanta trovoadas e instabilidade!
E a melancólica ausência da luz
calorosa, promissora... solar.

Do outro lado do mundo,
notícias de muita seca e calor...
e vorazes queimadas
a causarem imensa dor.
Noutros lugares ainda,
Quanta neve e gelo!...
Numa desequilibrada Natureza
a chegarem sem clemência.

E o céu, sem promessas de alívio,
para aflitivo alaranjado
quando não triste cinzento,
a perder o azul.



POEMAS SOBRE A NATUREZA

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

CHUVOSO

POR SELLMA LUANNY

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias – em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.



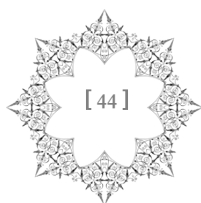
Chuva fina... contínua.
Cinzentos frio e ventoso
a testar os limites...
todo um dia de água.

Até a mais forte alma,
esmorece... desabrigada.
E com o desconfortável
tempo joga-se paciência.

Sem abrandamento
sem consolo ou piedade
sem se adequar aos vassallos...
do tempo, a singularidade.

Sem sol e sem azul...
a interposta chuva...
Das nuvens acima.
Do desalento abaixo.

Mas o que sou eu para
me exaltar? É abaixar
a cabeça... e por melhores
tempos, aguardar.



POEMAS SOBRE A NATUREZA

A P R E S E N T A M O S O P O E M A

TEMPO DA TERRA

POR TADEU KAINGANG

Tadeu dos Santos pertencente a etnia Kaingang é artista visual, pesquisador e professor. Doutor em História (UEM), mestre em Ciências Sociais e pós-graduado em Arteterapia, articula em suas criações a espiritualidade, o território e as cosmologias indígenas na contemporaneidade. Membro da Associação Indigenista (ASSINDI) e do coletivo Kókir – que significa fome na língua Kaingang –, desenvolve obras que transitam entre arte, corpo e ancestralidade. Suas produções incluem pinturas, instalações, vídeos e performances que dialogam com saberes indígenas e não indígenas. Participou de exposições no Brasil e no exterior, com destaque para o Museu Paranaense, o MAR (RJ) e o Carmo Johnson Project (SP).



Nota de contextualização:

O poema é uma celebração da ancestralidade da Terra e de seus elementos — fogo, ar, água e solo — integrando ciência, memória e experiência humana. Ele dialoga com conceitos de tempo geológico, formação da crosta terrestre, evolução da vida e uso do fogo pelo ser humano, apresentando a natureza como protagonista e guardiã da memória planetária.

Na cosmovisão indígena, o cosmo é concebido como um **espírito criador**, em que filosofia, observação e experiência formam um conhecimento vivo que integra seres, elementos e tempos. Assim, a Terra e seus elementos não são apenas matéria, mas portadores de memória, energia e ensinamentos que moldam a vida e a existência.

Do ponto de vista científico, o universo surgiu de uma explosão primordial, em que energia e calor precederam a formação da matéria, estabelecendo as bases para a criação de planetas e sistemas estelares (CARTER, 2019).

O planeta Terra emergiu de um corpo incandescente, e somente após longos processos de resfriamento e condensação da água e gases atmosféricos é que a superfície sólida e os oceanos puderam se formar, criando condições para a vida (HAZEN, 2016; HAZEN, 2012).

A história da Terra revela um processo contínuo de mudanças físicas e químicas, com continentes se deslocando, crostas endurecendo e oceanos se estabelecendo, moldando gradualmente um ambiente propício à vida (FISCHER; MOORE, 2020).

Dessa forma, este poema propõe um diálogo entre **cosmovisão indígena, filosofia e ciência**, mostrando a Terra como ancestral, a natureza como guardiã da memória e o tempo como um fluxo que integra vida, aprendizado e transformação.

O fogo veio de longe,
antes que houvesse matéria sólida.
Havia apenas energia — calor, luz, explosão.
O ar se fez do resfriar desse sopro,
formando gases, vapores, ventos.
Do encontro do frio com o fogo,
o ar se condensou em gotas,

e nasceram as águas, os primeiros oceanos.

Quando o fogo, o ar e a água se abraçaram,
a pele se formou — crostas emergiram,
revelando o mais jovem dos irmãos.

A Terra, embora última a surgir,
é a mais antiga em memória:
ancestral que guarda o tempo em si.

Na ciência, o cálculo matemático marca o relógio:
tempo geológico, tic-tac cósmico.

Cerca de 4,54 bilhões de anos soam
no pulsar das rochas que ecoam a memória.
Esse é o tic-tac das eras profundas, o coração pulsante,
onde o magma fala e o silêncio inunda os oceanos.

Continentes se movem, mares se erguem,
montanhas respiram, ventos seguem levando mensagens.
O relógio da Terra não tem ponteiros:
tem fósseis, camadas e vestígios de vida que o tempo moldou,
no ritmo invisível que tudo criou.

Em seu giro, a Terra dança — sacode as águas,
sedimenta o que estava sólido.
O registro da transformação são as pedras,
os grãos de areia,
o atrito que soma o tempo — em sua espiral, avança.

Em rotação, o dia se cria;
em translação, o ano se irradia.
Não sonha, porque não adormece.
Um cochilo de noite — breve tic-tac.

A sobrevivência, de que sempre dependeu a Terra,
veio da compreensão do uso do fogo —
a força que sempre foi da Terra, agora nas mãos humanas.
Bilhões de anos: respiração da matéria,

onde fogo e gelo tecem o sereno
que abastece a brisa, sempre parindo novidades na paisagem,
feito de pó, soluço e erupção.

Nas entranhas do tempo, o magma fala,
as pedras guardam o eco que embala
a canção primeira — sem voz, sem nome —
quando o humano ainda aprendia a ler os sinais do mundo.

Por muito tempo o mundo esteve nu,
e agora veste o verde das matas.
As estações conversam com as nuvens,
fazem sua ciranda,
dançam o tempo — comandam ventos e chuvas.

O outono despe as folhas do chão,
o inverno recolhe o coração e pulsa seu calor.
A primavera abre o ventre da vida,
ao zunido da abelha sem ferrão,
e o verão acende a ferida e a partida.
Pássaros em revoada — é tempo de buscar outra morada.

A Terra pulsa em eras e marés,
os peixes saltitantes descem as águas das montanhas,
irrigam os vales verdes e as rochas frias,
onde dormem os espíritos ancestrais
e antigas melodias ao toque do tambor.

O vento escreve no pó;
o galho risca a areia do chão, na curva do riacho, seu tratado.
Mas logo é apagado com a chuva,
que impõe seu rezo ao ciclo sagrado.

Ao ver, ouvir e perceber, surgem a palavra e a canção.
A sombra já não assusta: deixou de ser mistério.
E com ela, o tempo se dobra em memória,

vira contagem.

No coletivo, agora, compartilha histórias.

O que era eterno se torna instante.

O que era silêncio, agora é falante.

O símbolo agora é mensagem que sinaliza.

O tempo histórico — na parede, a arte surge:

nosso espelho d'água refletiu a face.

Do grão que germinou, trazido de longe,
do chão brotou o trigo, o milho, o feijão e o arroz,
e outros grãos que ainda não comi,
mas sei que os pássaros amam demais.

Essas plantas aprendi a tecer;
do barro e do fogo combinei matéria até virar pote —
quase um salto para tanta forma.
Ferramentas para ficar longe do inverno.
A casa: espaço sagrado, morada de gente, bichos e festas.

Aprendeu a ler os sinais do mundo
e criou ferramentas para isolar.
Nessas mãos, ergueu armadilhas invisíveis,
máquinas que olham para frente,
mas não conseguem enxergar o próprio esquecimento.

Do barro fiz outros potes, teci minha roupa,
escrevi em livros, vi surgirem cidades
com muros e cercas fincadas como posse.
E no silêncio, a Terra observa —
antes serena, agora preocupada.

Ela gira em busca de respostas —
sempre —
indiferente ao breve delírio da espécie presente,
que desentende e briga para ter o que deveria ser de todos.

Montanhas se erguem, oceanos se vão,
civilizações passam, atravessam rochas.
A paisagem agora é moldada pela máquina —
a pesada inversão humana
que derruba o ninho, expulsa o pássaro,
desfaz a velha árvore milenar.

Ao atizar com fogo,
a cinza vira pó nas mãos,
e a Terra passa a sangrar
com o roubo do fogo
que sempre marcou o tic-tac.

E a Terra, silenciosa, suspira:
não esquece, não perdoa, não se cala.
O fogo que veio de longe
arde nas mãos humanas,
mas não pode apagar a memória das eras.

O vento leva a cinza para os confins,
a água guarda o lamento dos rios,
a pedra conserva o eco das montanhas,
e o tempo, inexorável, continua seu tic-tac.

O humano inventou máquinas, paredes e posses,
mas não inventou seu retorno ao respeito.
O roubo do fogo trouxe luz e destruição,
mas também revela o chamado:
aprender a caminhar sem quebrar,
falar sem calar a vida,
tocar sem roubar a Terra.

E assim, a Terra permanece,
ancestral, paciente, imortal.
O fogo, o ar, a água e o corpo que pisamos
são irmãos que jamais esquecem.

E o tic-tac continua —
mais velho que nós, mais sábio que nós,
marcando cada gesto, cada descuido,
até que aprendamos a ouvir.

Referências Bibliográficas

CARTER, B. *Big Bang e a evolução do universo*. São Paulo: Editora Ciência Viva, 2019.

DIETZ, R. S. *Continental Drift and the Formation of Earth's Crust*. New York: Harper & Row, 1973.

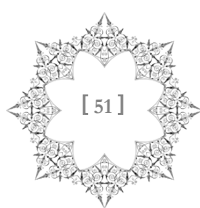
HAZEN, R. *O livro da Terra: da poeira estelar à vida*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2016.

HAZEN, R. M. *The Story of Earth: The First 4.5 Billion Years, from Stardust to Living Planet*. New York: Viking, 2012.

FISCHER, D.; MOORE, J. *Earth: Formation and Early Evolution*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

KAPLAN, R. *The Fire that Shaped Human Civilization*. Oxford: Oxford University Press, 2018.

KAINGANG, Tadeu. *A natureza conta história*. Manuscrito poético, 2025 (Não publicado).



**CONHEÇA OUTROS
TÍTULOS DA COLEÇÃO**

SELO CONEXÃO LITERATURA



**TENHA ACESSO AOS TÍTULOS
DA COLEÇÃO: CLIQUE AQUI**

**VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOGRAMATICA
SIGA: WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
INSCREVA-SE: WWW.YOUTUBE.COM/CONEXAONERD
E-MAIL: ADEMIR@DIVULGALIVROS.ORG**

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAIS EM ABERTO: CLIQUE AQUI